

# A LISBOA ÁRABE DE JOSÉ SARAMAGO<sup>1</sup>

Tereza Maria Tavares Dos Santos Jorge<sup>2</sup>

## RESUMO

Em *História do cerco de Lisboa*, de José Saramago, há uma espécie de personagem que domina a narrativa completamente, atravessando cerca de mil anos de história de Portugal. Trata-se da cidade de Lisboa, que assume na narrativa um papel central, onipresente. Mais do que uma referência geográfica, o autor transforma essa cidade em um espaço polifônico, com um protagonismo diferenciado no enredo, já que através dele é discutida e problematizada a ideia de uma identidade portuguesa. Essa importância de Lisboa na obra transcende a condição de *lócus* para se constituir em uma tessitura de referências, que, entretanto, foram esquecidas no tempo. Resgatadas pela escrita literária de Saramago, elas rememoram especialmente as raízes mouras soterradas pela ação dos reis católicos portugueses e suas lutas por expansão e ocupação de territórios. Apesar das marcas da presença árabe não serem mais visíveis, elas foram recuperadas em *História do cerco de Lisboa*, quando o autor reconta à sua maneira a expulsão dos mouros da capital portuguesa e a conecta com a Lisboa do presente. Nossa abordagem parte dos estudos de paisagem desenvolvidos por Michel Collot, elaborando uma análise em que considera a escrita dessa cidade como uma construção cultural, na medida em que se articulam história, memória e identidade.

**Palavras-chave:** *História do cerco de Lisboa*, José Saramago, Paisagem literária, Presença árabe em Portugal, Identidade.

1 Este artigo é um desdobramento de projeto de pesquisa desenvolvido durante o mestrado acadêmico em literatura Portuguesa na Universidade Federal Fluminense (UFF) por Tereza Maria Tavares dos Santos Jorge;

2 Mestranda do Curso de Letras, subárea Literatura Portuguesa, da UFF, terezamariatavares@gmail.com;

## INTRODUÇÃO

A pesar de *História do cerco de Lisboa*, de José Saramago, ser uma narrativa que conta o episódio da expulsão dos mouros em 1147, a obra nos apresenta a capital portuguesa não como um simples cenário histórico. A Lisboa que o autor constrói vai muito além de se constituir apenas na cidade onde o rei Afonso Henriques comandou seu exército para invadir o castelo de São Jorge, onde os árabes resistiam. Na trama, Lisboa surge como um sistema significativo, cuja polissemia será analisada neste artigo, buscando-se reconhecer as intencionalidades com que o autor concebeu a capital de Portugal e que lhe deram um protagonismo na narrativa.

Por ser muito mais que um mero cenário, a Lisboa que Saramago figura na obra se revela como um espaço repleto de sentidos, nos quais podemos reconhecer as características com que o ensaísta Michel Collot conceitua paisagem: “fenômeno, que não é nem uma pura representação, nem uma simples presença, mas o produto do encontro entre o mundo e um ponto de vista” (2013, p.18). Essa paisagem de Lisboa se revela como o resultado de uma perspectiva produzida pela escrita literária saramaguiana, a qual recuperou aspectos da cultura árabe, resgatados e apresentados de forma predominante durante toda a narrativa.

O enredo de *História do cerco de Lisboa* tem no protagonista Raimundo Silva um diligente revisor de textos que trabalha com dedicação e afinco em um livro sobre o célebre episódio histórico de expulsão dos mouros da capital portuguesa, tanto que, além da ampla pesquisa bibliográfica que faz sobre o tema, também deambula por Lisboa, percorrendo os locais que foram palcos das batalhas comandadas pelo rei Afonso Henriques para a retirada dos árabes, conferindo *in loco* as referências do livro que revisa.

Nessa deambulação pela capital portuguesa, ele percorre vielas, sobe escadinhas, observa o formato das ruas e a estrutura do casario da região que se constituiu o centro do conflito, recuperando imagedicamente, na narrativa, a Lisboa do tempo dos mouros, sua cultura e modos de vida, como é possível observar ao longo de todo o livro, em uma descrição minuciosa, inclusive, em relação aos ritos religiosos adotados pelos mouros daquele tempo, como chamamento à oração feito ao primeiro raio de sol pelo almuadem, espécie de sacerdote da religião mulçumana, encarregado dessa tarefa.

A mesquita estava silenciosa, só os passos inseguros ecoavam sob os arcos, um arrastar de pés cautelosos, como se temesse ser engolido pelo chão. A outra qualquer hora do dia ou da noite nunca experimentava esta angústia do invisível, apenas no momento matinal, este, em que iria subir a escada da almádena para chamar os fiéis à primeira oração.(p. 8)<sup>3</sup>

O narrador reconstrói tanto os rituais como a cidadela moura e a grande muralha que a cercava, além das habitações árabes que existiam do lado de fora dos muros, que seriam as primeiras a serem atacadas. A descrição recupera visualmente toda uma urbes constituída ao longo de mais de 400 anos em que os mocárabes se fixaram naquela região, período em que desenvolveram uma ampla infraestrutura comercial que incluía feiras e mercados; mas, além de resgatar o aspecto visual da cidade, o narrador apresenta seus costumes e chega até a descrever o medo e o pressentimento da morte que teria tomado conta de toda a população que ali vivia, nos dias que antecederam a invasão das tropas portuguesas.

Em estes últimos dias, tivesse o almuadem o sono pesado, sem dúvida haveria de despertá-lo, se de todo o não impedira de adormecer, o rumor de uma cidade inteira vivendo em estado de alerta, com gente armada subida às torres e adarves, enquanto o miúdo povo não se cala, em ajuntamentos nas ruas e mercados, perguntando se já vêm os francos e os galegos. Temem por suas vidas e haveres claro está, mas os mais afligidos ainda são aqueles que tiveram de abandonar as casas em que viviam, do lado de fora da cerca, por enquanto defendidas pela tropa, mas onde inevitavelmente se travarão as primeiras batalhas, se essa for a vontade de Alá, louvado seja, e, mesmo que vença Lisboa aos invasores, do próspero e desafogado subúrbio não ficarão mais que ruínas. No alto da almádena da mesquita maior, como todos os dias, o almuadem soltou o seu grito estrídulo, sabendo que já não irá acordar ninguém, quando muito estarão dormindo as crianças inocentes, e, contra o costume, quando paira ainda no ar o último eco da chamada à oração, logo começa a ouvir-se o murmúrio da cidade rezando, em verdade não tinha de sair do sono quem no sono mal cegara a entrar. (p. 112)

O narrador onisciente assume o ponto de vista do almuáden, quando os portugueses são chamados de “invasores” (SARAMAGO, p.

3 Todas as citações seguintes referentes ao texto do livro *História do cerco de Lisboa* são da edição 1989. Assim, só serão indicadas na citação, daqui para frente, as páginas deste livro.

112), definindo sua posição no conflito. Embora não participe das ações na trama, o narrador toma partido em defesa dos árabes, traduzindo o pânico que teria dominado toda a população moura durante o processo do cerco de Lisboa, que os sitiou durante mais de três meses. No fragmento a seguir, o desespero da população e a animosidade contra os “maldito[s] cristão[s]” (idem, p.112) se transmutam em comemoração quando toda a cidadela vibra ante à possibilidade de vencer o cerco graças a novos fatos que surgem ao longo da trama.

Terminada a oração, o almuadem prepara-se para descer, quando de súbito se levanta de baixo um alarido tão desordenado e espantoso que o cego, assustado, crê em um momento que se desmorona a torre, em outro que estão os maldito cristão dando assalto às muralhas, para finalmente perceber que são de júbilo os gritos que de todas as partes irrompem e fazem sobre a cidade um como que resplendor, agora pode ele dizer que já conhece o que é a luz, se ela tem nos olhos de quem vê o efeito que nos seus ouvidos estão causando estes alegres sons. Porém, que motivo. Talvez que Alá, movido pelas preces ardentes do povo, tivesse enviado os seus anjos do sepulcro Munkar e Nakir, a exterminar os cristãos, talvez tenha feito cair sobre a armada dos cruzados o inextinguível fogo do céu, talvez, de terrestre humanidade, o rei de Évora, avisado dos perigos que ameaçam os seus irmãos de Lisboa, tenha mandado mensageiro com os seus irmãos de Lisboa (...), , Aguentem aí os malvados que a minha tropa de alentejanos já vai a caminho, (...). (SARAMAGO, p.112)

## VOZ ÁRABE

Dando voz aos mouros e recriando imagetivamente a Lisboa árabe, a narrativa estabelece uma conexão com a atual capital portuguesa através do revisor, que coincidentemente mora na região do conflito, e que se coloca como uma espécie de ponte entre tempos, pois da sua janela, no presente da diegese narrativa, Raimundo Silva “assiste” aos movimentos que são realizados em 1147 pelas tropas do rei português para invasão da cidadela árabe, criando uma espécie de simbiose temporal.

Não foi só o caso dos arrabaldes convertidos pelos mouros em baluartes, esse acabou por ser removido, embora com grandes baixas. Agora a questão está em saber como se pode entrar por portas tão fechadas, defendidas por cachos de guerreiros empoleirados nas torres que as flanqueiam e protegem, ou como se assaltam muros com uma

altura destas, aonde as escadas não conseguem chegar e onde as sentinelas nunca adormecerão. Afinal, Raimundo Silva está em excelentes condições para julgar das dificuldades da empresa, pois de cima da sua varanda percebe que nem precisaria de ter uma pontaria rigorosa para matar ou ferir quantos cristãos tentassem aproximar-se desta Porta de Alfofa (...). (SARAMAGO, 19894, p.161-162)

Através desse intercâmbio entre tempos, a Lisboa árabe se mostra presente na narrativa ainda em muitas outras ocasiões, como podemos observar na passagem a seguir de *História do cerco de Lisboa*, na qual o narrador se refere às antigas portas que compunham a muralha moura, como a Porta do Sol – que, entretanto, não existe mais - como uma das referências para descrever os caminhos que levam à casa do revisor Raimundo Silva. Mais que simplesmente presentes na trama, elas são transformadas em pontos de ligação do personagem principal com a população árabe de 1147 e se constituem em elementos para orientação na circulação dele pela Lisboa atual.

Três são os caminhos principais que ligam a casa de Raimundo Silva à cidade dos cristãos, um que, seguindo pela Rua do Milagre de Santo António (...), outro que pelo Largo dos Lóios o leva na direção das Portas do Sol, e finalmente o mais comum, pelas Escadinhas de S. Crispim, todo a descer, que em poucos minutos o põe na Porta de Ferro. (SARAMAGO, p. 101)

Mais que estabelecer essa conexão com a época dos mouros em Portugal, Saramago presentifica-a e, simultaneamente, corporifica a presença árabe na capital portuguesa contemporânea ao resgatar elementos que faziam parte da Lisboa dos mouros da época do cerco. Essa recuperação imagética produzida pela escrita literária leva a uma conexão com um tempo a princípio desconectado da contemporaneidade, mas que se funde com o tempo presente através de um trabalho de chamar para dentro do texto uma carga de referências muito distantes e desaparecidas da realidade, que à primeira vista poderia transformar a narrativa em uma história inverossímil. No entanto, ao fundir o tempo dos mouros à realidade do revisor que vive na contemporaneidade, Saramago cria uma perspectiva que, como identifica Pesavento (2020), pode ser considerada como um “olhar especial, que possibilita ver além daquilo que é dado a ver” (p.211).

O novo olhar sobre Lisboa transforma a visão sobre a capital portuguesa, trazendo à tona suas raízes árabes, que estavam enterradas

e foram esquecidas ao longo dos séculos, soterradas sob o passado de opulência dos reis católicos portugueses e suas guerras por expansão e ocupação territorial. As marcas do passado árabe podem não estar mais concretamente visíveis nas calçadas portuguesas, mas foram recuperadas de forma metafórica pela escrita saramaguiana em *História do cerco de Lisboa*, quando ele reconta a expulsão dos mouros da capital portuguesa sob uma nova perspectiva, conectando-a com o presente. É estabelecido um novo olhar sobre esse episódio, que produz outra percepção sobre a Lisboa que se apresenta literariamente, pois, como diz Ida Alves (2012), a paisagem, enquanto conceito, possui múltiplas significações:

Não simplesmente a paisagem como um tema de escrita, como enunciado (*in situ*), mas fundamentalmente como uma estrutura de sentido, uma rede sensorial, que sustenta configurações ou desfigurações do sujeito, da linguagem poética e do mundo por meio do olhar (*in visu*). Da cena/cenário à paisagem, há uma intervenção fundamental que é exatamente a percepção do sujeito a partir do qual parte a linha de fuga da paisagem (p.172.).

Essa paisagem construída por Saramago se desdobra em referências ao passado árabe, produzindo um entrelaçamento não só de tempos, mas também espaços, criando uma espécie de camada que sobrepõe a presença moura à imagem de Lisboa, criando uma nova visualidade para ela. Essa nova visualidade está conectada ao presente e produz significado sobre ele. Para Pesavento (2020), é preciso antes de tudo “descobrir os tempos da história que se acumulam no espaço e que podem e devem ser resgatados pela memória”. (2020, p. 211).

Saramago fez esse resgate sem contar com referenciais materiais, pois elas não existem em sua maioria; através de sua escrita literária, recuperou imageticamente a Lisboa árabe e a transformou em um lugar de memória, a partir de reconstituição do seu espaço, da sua religião e cultura, não registrados pela história oficial.

O resgate do passado implica em ir além desta instância, para os domínios do simbólico e do sensível, ao encontro da carga de significados que esta cidade abrigou em um outro tempo. Ao salvaguardar a cidade do passado, importa, sobretudo, fixar imagens e discursos que possam conferir uma certa identidade urbana, um conjunto de sentidos e de formas de reconhecimento que a individualizem na história. (PESAVENTO, 2020, p. 209-210)

A “reescritura” do cerco de Lisboa por Saramago valoriza a população moura e dá a ela um protagonismo na trama, que se distingue do enfoque observado em outras narrativas sobre esse episódio, estabelecendo uma preponderância que a domina do começo ao fim. Em todos os planos ocorre uma interação que se concentra e se desenrola a partir da presença árabe. A capital portuguesa é o elemento central, mas ela é reconstruída a partir da expulsão moura, fato que afeta, inclusive, diversos planos da narrativa, como o do relacionamento amoroso do revisor, como podemos observar no fragmento destacado a seguir, que descreve uma das cenas finais do movimento dos soldados portugueses para a expulsão dos árabes conectada à ação do personagem na diegese atual, que comprara rosas para a sua chefe, de quem se enamorou.

Agora o telefone não deve tocar, que nada venha interromper este momento antes que ele por si mesmo se acabe, amanhã os soldados reunidos no Monte da Graça avançarão como duas tenazes, a nascente e a poente, até a margem do rio, passarão à vista de Raimundo Silva que mora na torre norte da Porta de Alfofa, e quando ele assomar ao eirado, curioso, trazendo uma rosa na mão, ou duas, gritar-lhe-ão de baixo que é demasiado tarde, que o tempo não é mais de rosas, mas de sangue final e de morte. Por este lado, em direção à Porta de Ferro, é que baixará o corpo de tropas que leva por capitão a Mem Ramires e onde, no tropel, vai Mogueine, a quem o seu comandante, vendo-o e finalmente o reconhecendo, imaginamos que pela altura, que a cara é de barbas como a de todos, lhe gritará, com um bom riso lhano e medieval. (p. 157)

Focando nesse momento histórico, o horizonte de expectativa inicial sobre a capital portuguesa é completamente alterado, transformando Lisboa num *locus* no qual o passado ecoa no tempo presente e vice-versa, em uma interrelação que surpreende o leitor. Dessa Lisboa, resultante de simbioses temporais, surge uma nova forma de ver a capital portuguesa, partindo de perspectivas de tempo sobrepostas sobre o mesmo espaço, como podemos observar ainda em muitas outras passagens, como a seguir:

Raimundo Silva levanta-se e abre a janela. Daqui, se as informações da *História do cerco de Lisboa* de que foi revisor não enganam, pode ver o local onde acamparam os ingleses, os aquitanos e os bretões, além da encosta da

Trindade para o lado do sul e até a ravina da Calçada de S. Francisco, mais metro menos metro, ali está a igreja dos Mártires, que não deixa mentir. (p. 117)

A residência de Raimundo Silva nesse cenário histórico possui um significado relevante, já que é de lá que tem a visão dessa nova Lisboa, cujo passado mouro se mostra presente através da reconstituição imagética de suas construções destruídas por ocasião do cerco. Sua perspectiva visual se mistura ao sentido trazido pelo narrador, que recupera a importância da presença moçárabe na capital portuguesa, criando um sentido novo no contexto da Lisboa contemporânea. Tantas interrelações semânticas fazem com que a obra de Saramago seja enquadrada como uma “nova ficcionalidade”, segundo conceito desenvolvido por RANCIÈRE

(2009), que entende que essa categoria é uma “nova maneira de contar histórias” (RANCIÈRE, p.55), cuja “ordenação ficcional deixa de ser o encadeamento causal aristotélico das ações “segundo a necessidade e a verossimilhança”” (idem, p.55).

Dentro desse enquadramento, *História do cerco de Lisboa* possui uma “ordenação literária de signos [que] não é de forma alguma uma autorreferencialidade solitária da linguagem.” (RANCIÈRE, p. 55), já que produziu novas significações para sentidos cristalizados ao longo do tempo, transformando a configuração da capital de Portugal, transmutando-a em um supersignificante, categoria descrita por Rancière no fragmento abaixo ao tratar sobre a nova ficcionalidade:

É a assimilação das acelerações ou desacelerações da linguagem, de suas profusões de imagens ou alterações de tom, de todas suas diferenças de potencial entre o insignificante e o supersignificante, às modalidades da viagem pela paisagem dos traços significativos dispostos na topografia dos espaços, na fisiologia dos círculos sociais, na expressão silenciosa dos corpos. (p. 55)

Enquanto “nova ficcionalidade”, *História do cerco de Lisboa* pode ser identificada como pertencente a “era estética” (RANCIÈRE, p. 55), pois ela “se desdobra assim entre dois pólos: entre a potência de significação inerente às coisas mudas e a potencialização dos discursos e dos níveis de significação” (idem, p.55). No cruzamento entre esses dois pólos, é identificada uma Lisboa atravessada por uma narrativa literária que problematiza questões consolidadas pela história, ressignificando-as, dando a elas novos sentidos, em diálogo com o contemporâneo.



A soberania estética da literatura não é, portanto, o reino da ficção. É, ao contrário, um regime de indistinção tendencial entre a razão das ordenações descritivas e narrativas da ficção e as ordenações da descrição e interpretação dos fenômenos do mundo histórico e social.” (RANCIÈRE, p. 55)

Tendo escrito um romance com características de ensaio, Saramago coloca em discussão várias situações, que se desdobram a partir da valorização da presença moura no passado da capital portuguesa. Ele traz para a atualidade referências de um mundo desaparecido, como se fosse uma cidade invisível que se visibiliza através da narrativa do livro, em um processo que poderia lembrar os relatos feitos por Marco Polo ao imperador Kublai Khan, em *Cidades Invisíveis* (CALVINO, 2013). Se, no livro, o grande mercador de Veneza descreve cidades criadas por sua imaginação, em *História do cerco* o narrador retrata uma Lisboa que existiu, era uma entidade político-administrativa com autonomia e estatuto próprio, que perdurou durante 400 anos, mas que foi esquecida em função do discurso cristão que dominou a história oficial. Saramago a reconstrói literariamente e a transforma em um lugar de memória, cujas características foram descritas por Pierre Nora (1993).

Diferentemente de todos os objetos da história, os lugares de memória não têm referentes na realidade. Ou melhor, eles são, eles mesmos, seu próprio referente, sinais que devolvem a si mesmos, sinais em estado puro. Não que não tenham conteúdo, presença física ou história; ao contrário. Mas o que os faz lugares de memória é aquilo pelo que, exatamente, eles escapam da história. (NORA, p.27)

A escrita saramaguiana criou esse espaço e deu a ele novo conteúdo, pois, como Nora ressalta: “o lugar de memória é um lugar duplo: um lugar de excesso, fechado sobre si mesmo, fechado sobre sua identidade, e recolhido sobre seu nome, mas constantemente aberto sobre a extensão de suas significações.” (NORA, p. 27). Mas os sentidos dados a ele possuem alguns pressupostos:

Porque, se é verdade que a razão fundamental de ser de um lugar de memória é parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial para – o ouro é a única memória do dinheiro – prender o máximo de sentido num mínimo de sinais, é claro, e é isso que os torna apaixonantes: que os lugares de memória só vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações.” (NORA, p. 22)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao recuperar a presença dos mouros em Lisboa, a escrita saramaguiana transforma os significados associados à capital portuguesa. Sua imagética, tão identificada ao fausto e ao luxo dos reis portugueses, é alterada para agregar referências árabes, que se incorporam à visibilidade da cidade, criando uma outra identidade para ela. Todo esse processo produz uma ressignificação de Lisboa, enquanto metonímia do país, transformando a percepção da cidade, de sua paisagem, e afetando o sentido do que é ser português.

Restabelecer a visualidade da arquitetura árabe que dominava a Lisboa de 1147 e recuperar o *modus vivendis* da população que dominou a região por cerca de 400 anos, seu cotidiano e práticas religiosas, inclusive expondo o sofrimento que foi infringido pelos portugueses aos árabes expulsos da capital portuguesa, significa muito mais que retratar um período histórico de Portugal ou mesmo corrigir uma injustiça. Saramago traz para a discussão a importância que o povo árabe teve na constituição de Portugal enquanto nação e o apagamento dessa presença ao longo do tempo.

*História do cerco de Lisboa* recupera assim esse momento fundador português, rescreve-o sob uma nova perspectiva, dando voz à população moura, restabelecendo sua importância enquanto patrimônio identitário do país, relegado ao esquecimento ao longo dos séculos. Trazendo-o para a contemporaneidade, adquire uma potência cultural que se expressa com relevância enquanto memória, com reflexos importantes em vários setores da vida portuguesa.

## REFERÊNCIAS

### Fontes primárias

SARAMAGO, José. *História do cerco de Lisboa*. São Paulo: Companhia de Bolso, 1989.

### Fontes teórico-críticas

ALVES, Ida. Pontos de vista sobre a percepção de paisagens. *In: Literatura e paisagem em diálogo*. NEGREIROS, Carmem; ALVES, Ida; LEMOS, Masé (orgs). Rio de Janeiro: Edições Makunaima, p. 11 – 28, 2012. Disponível em: <http://

[www.edicoesmakunaima.com.br/images/livros/literatura\\_epaisagem.pdf](http://www.edicoesmakunaima.com.br/images/livros/literatura_epaisagem.pdf).  
Acesso em: 16 nov. 21.

CALVINO, Ítalo. *Cidades invisíveis*. Tradução de Diogo Mainardi. São Paulo: Biblioteca Folha, 2013.

COLLOT, Michel. *Poética e filosofia da paisagem*. Coordenação de tradução de Ida Alves. Rio de Janeiro: Editora Oficina Raquel, 2013.

NORA, Pierre. *Entre memória e história*—a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. São Paulo: Proj. História, PUC, dez. 1993. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>>. Acesso em: 16 maio 2021.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Cidade, espaço e tempo*: reflexões sobre a memória e o patrimônio urbano. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, n. 158 especial, p. 207-216. 2020.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível. Estética e política*. Tradução de. Mônica Costa Netto. 2.ed. São Paulo: EXO experimental/ Editora 34, 2009.